

Ulysses, vaiado, ressalta estado democrático

Manifestantes tomaram o Salão Negro e impediram discurso do presidente da Constituinte

Vaias, gritos de "traidor" e "puxa saco de Sarney". Por certo, o presidente da Constituinte e do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, não esperava esse tipo de recepção quando deixou a presidência da sessão da Constituinte, ontem à tarde, para participar da manifestação de entrega de 32 emendas populares no salão negro do Congresso. Diante da hostilidade e da agitação dos manifestantes, que lotavam o salão negro, o discurso preparado por Ulysses para a ocasião, não pôde ser feito.

Ladeado pelo presidente da CUT, Jair Meneghelli, e pelo deputado Luiz Inácio Lula da Silva, Ulysses permaneceu no salão negro do Congresso por cerca de dez minutos, enquanto a multidão de quase duas mil pessoas gritava. Depois teve de retornar a seu gabinete após tentativas frustradas de Lula para acalmar os ânimos a fim de que os discursos começassem.

A solenidade marcaria a entrega formal de 18 emendas patrocinadas por entidades — entre elas a CUT, a CGT e a Contaq — e partidos de esquerda, mas o presidente da Constituinte recebeu apenas uma, das mãos de Meneghelli, numa "entrega simbólica", ainda nas escadarias que levam ao salão negro. Nesse momento, quando dirigia-se à solenidade, Ulysses chegou a hesitar e foi aconselhado por algumas pessoas a não entrar no salão, onde os manifestantes se acotovelavam com faixas e cartazes, aplaudindo, vaiando e gritando palavras de ordem.

Ele deixou o palanque cercado por seguranças, mas não perdeu a pose: "É uma manifestação natural e democrática, numa casa democrática", diria mais tarde.

A tranquilidade de Ulysses Guimarães tinha seus motivos. As vaias no salão negro — centro dos comentários em todas as rodas do Congresso, ontem — foram os únicos momentos azedos do dia do presidente da Constituinte. Dez minutos depois, a caminho de seu gabinete, começava uma maratona de elogios, discursos, saudações e agradecimentos da entrega de outras dez emendas populares. Maratona cansativa, mas enfrentada em fôlego e bom-humor por Ulysses.

Não faltaram presentes. Dos representantes do Instituto Brasileiro de Estudos Monárquicos, que querem um plebiscito em 1993 para a escolha do sistema de governo, o deputado Ulysses Guimarães recebeu uma bandeira do Brasil Imperial que ele, meio sem jeito, tratou de entregar ao assessor mais próximo. Dos trabalhadores na indústria e comércio, que vieram defender a manutenção da atual estrutura do Sesc, Senai, Sesi e Senac, Ulysses Guimarães ganhou uma camiseta branca, com a inscrição "Sesc, 40 anos de formação profissional". Ulysses olhou de um lado, de outro, e comentou: "Essa é para ir à praia, não é?".

Entre e sai no gabinete da presidência da Câmara

Lá fora, mais protestos

A necessidade de prosseguir a mobilização para lutar pela aprovação das emendas progressistas foi a tônica nos discursos, no ato público organizado ontem pela Articulação Nacional de Entidades na Constituinte, que reuniu entre 3 mil e 4 mil pessoas no gramado do Congresso Nacional.

Ao palanque, subiram 15 políticos — dos quais apenas dois do PMDB — e um número maior de representantes de entidades sindicais e comunitárias. Não faltaram, ali, acusações ao presidente Sarney e a seu ministério. O ministro da Fazenda, Bresser Pereira, chegou a ser brindado com um adjectivo impúblico pela presidente da União Nacional de Estudantes, Gisela Mendonça, que o acusou também de estar "vendendo o resto do País".

Ao contrário de outros oradores, inclusive do PT, que defenderam novas excursões a Brasília, o deputado Luiz Inácio Lula da Silva, considerou mais importante a ação nos locais de origem: municípios e estados, alegando principalmente as dificuldades de deslocamento. "A pressão aqui custa muito dinheiro, muito sacrifício para o trabalhador. A UDR traz até caminhão frigorífico, mas os trabalhadores às vezes passam o dia quase sem comer", comparou o metalúrgico, que fez o ovoiro ru a falar dos "políticos Xuxa", que na hora da campanha distribuem beijinhos e depois dão "tchau tchau" para o eleitor.

O líder do PCB na Câmara, Roberto Freire, deu ên-

ontem foi tanto que os funcionários, mesmo acostumados com um movimento grande, estavam desorientados. Se não havia tempo nem para limpar um dos oito cinzeiros da sala, no meio da tarde a chefia de gabinete desistiu de controlar a agenda, que era atropelada mesmo com a previsão de compromissos de quinze em quinze minutos.

Na entrega das dez emendas, dez discursos de agradecimento. O tom era o mesmo: louvor à participação popular, o grande peso que tantas assinaturas teriam no momento da votação e a atenção especial com que elas seriam, "de pronto" — expressão preferida por Ulysses — encaminhadas ao relator da comissão de Sistematização. Mas para cada emenda, o presidente da Constituinte guardava uma palavra especial.

No caso da emenda mantendo a atual estrutura de entidades de formação profissional, como o Sesc, o deputado Ulysses Guimarães disse que "a Constituição existe para criar e não para destruir o que existe e produz bons resultados como tais entidades". Lembrou Tancredo Neves ao receber uma emenda defendendo tratamento diferenciado e prioritário para as regiões mais carentes. O ex-presidente, observou, gostava de repetir que não pode haver Nova República sem novo Nordeste.

Saúde, mineração, direitos do trabalhador, reforma judiciária. Demonstrando atenção para todo tipo de emendas que lhe chegara às mãos, o deputado Ulysses não demonstrava cansaço e explicava: "É muito estimulante, ruim seria se essa sala estivesse vazia". Preocupação só com um lugar para guardar tanto papel: "Agora mesmo não vai ter dependência na casa para isso tudo", brincava.

A maior parte das emendas deve ser aproveitada, na opinião de Ulysses. Mas quem não conseguiu ver sua emenda popular aprovada, não deve ficar decepcionado, na opinião do presidente do PMDB. Isso porque, segundo ele, o que ficou de fora da Constituição deve ser aproveitado para estudos futuros em torno da legislação complementar e ordinária.

Numa brecha entre uma emenda e outra, Ulysses recebeu o presidente da CGT, o Joaquinzinho. Quis saber da greve geral marcada para o próximo dia 20. Ouviu de Joaquinzinho que o movimento é irreversível, a não ser que o Governo aponte com medidas concretas para beneficiar a classe trabalhadora, especialmente no setor salarial. Ouviu ainda que o PMDB precisa assumir uma postura clara sobre a reforma agrária e a dívida externa.

A noite, maratona encerrada. Ulysses voltava para o salão negro do Congresso. Mas dessa vez, não para enfrentar as vaias de manifestantes ligados ao PT e PC do B, mas para prestigiar o jornalista Lustosa da Costa, que lançava o livro "Clero, nobreza e povo de Sobral".

fase à importância da mobilização popular. "O tema fundamental das discussões na Constituinte são as emendas populares. São vocês, são as forças democráticas deste País quem está dando o tom dos debates no Congresso", afirmou. "Não há possibilidade de uma Constituição que atende aos interesses do trabalhador sem que Brasília seja ocupada pelo povo", considerou Aldo Arantes, vice-líder do PC do B na Câmara. O deputado Brandão Monteiro, líder do PDT, criticou o corporativismo de uma Constituinte para a qual se elegeram "representantes dos supermercados, das estações de rádio e tevê, do latifúndio", para quem a hora é de "conquistar objetivos para favorecer o avanço de nossa luta".

Entre os oradores de mais sucesso, estava a prefeita de Fortaleza, Maria Luiza, do PT. Para ela, o volume de emendas populares que chegam ao Congresso nestes dias "afirma para o Brasil que o povo não está satisfeito com o desempenho dos constituintes que ali estão". Nos pronunciamentos mais contundentes não faltaram advertências de que se a Constituição não atender aos anseios populares será "rasgada em praça pública" — e o presidente da Confederação Nacional de Associações de Moradores, vereador João Bosco, puxou o coro em que os manifestantes deixaram clara sua posição: "Se a passagem subir de novo o povo quebra ômbus ou não quebra?", indagava ele, e a massa respondeu: "Quebra".

IVALDO BARBOSA



Na entrega das emendas populares, quase duas mil pessoas não deixaram Ulysses Guimarães falar

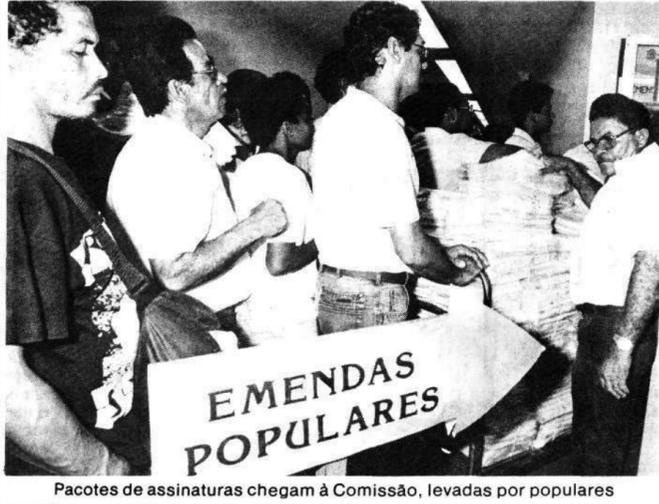
Emendas populares já são 71. Mas tem mais

O povo fez festa até para a entrega formal das emendas populares na sala da Secretaria da Comissão de Sistematização. Cada emenda era acompanhada por grupos de pessoas, alguns até mesmo cantando, gritando seus "slogans" ou distribuindo flores como a da "Saúde da Mulher", que inclui a legalização do aborto. No total, até ontem, foram entregues 71 emendas populares, sendo que 33 delas foram registradas depois das 16 horas, quando foi encerrado o ato público realizado na rampa do Congresso Nacional. Muitas emendas, porém, ficaram para ser protocoladas hoje, como a das "Diretas Já".

Os funcionários, poucos para o grande movimento, conseguiram fazer um trabalho até rápido, não tendo sido registrado qualquer incidente. Uma funcionária chegou até a guardar uma das pastas utilizadas para a documentação de uma emenda, justificando que aquela era um "momento histórico". Mas se a "Reforma Agrária" conseguiu, na somatória das duas propostas, o maior número de assinaturas, foi a emenda patrocinada pela Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Associação das Escolas Cristãs e Associação Brasileira de Escolas Cristãs que conseguiu o maior número de apoio isoladamente: 749.856. Entre outros temas, ela defende que as verbas públicas não sejam repassadas para as escolas públicas, mas beneficiem também as escolas confessionais (mantidas por entidades religiosas) e sem fins lucrativos.

A emenda da exclusividade das verbas públicas para as escolas públicas conseguiu 258.984 assinaturas, ficando muito abaixo do índice conseguido pela ala concorrente oposta. Ainda com relação à Educação, frustrou também a tentativa das entidades que se colocaram na defesa das escolas comunitárias. Elas conseguiram apenas 23 mil eleitores assinantes, enquanto eram necessários 30 mil. Também não conseguiram "quorum" mínimo as emendas referentes à "Ecologia e Medicina Natural", com apenas 3.252 assinaturas;

IVALDO BARBOSA



Pacotes de assinaturas chegam à Comissão, levadas por populares

Caravanas de todo o País fizeram pressão

Depois de ser vaiado por militantes da Articulação Nacional de Entidades na Constituinte, o deputado Ulysses Guimarães se viu cercado por bem vestidos cidadãos, no Salão Verde da Câmara. Eram representantes da Associação Brasileira de Agências de Propaganda (ABAP), lutando contra restrições à publicidade de produtos como o fumo e os remédios. Numa tarde que marcou o retorno dos grupos de pressão e rompeu o marasma reinante no Congresso, não faltaram sequer duas dezenas de índios em urbanos calções e bermudas mas pintados como se fossem à guerra.

Numa cerimônia que a via abreviou, Ulysses recebeu às 16h uma pesada carga de assinaturas em favor de emendas definidas como "progressistas e democráticas" por representantes da Articulação. Num dia confuso, e com má organização tanto para a entrega das emendas como para o recebimento das caravanas, os coordenadores da manifestação não conseguiram precisar sequer o número de propostas entregues à Comissão de Sistematização: falaram, ao longo da tarde, em números tão distantes como 11 e 37.

A Articulação também não tinha informação precisa sobre o número de viajantes, mas só de Minas Gerais vieram 22 ônibus — ou quase mil pessoas, em seguida, a delegação de Pernambuco, com 159 pessoas cantando refrões em ritmo de frevo. Logo, provavelmente pela primeira vez na história de Brasília, o povo cantava e dançava no Salão Negro.

Não faltou ali o bumbameu-boi, nem quem o toureasse. As combativas professoras gaúchas marcaram presença, e não deixaram no pampa as sinetas com que, em suas greves, costumam infenizar os ouvidos dos governadores. No gramado, além de faixas e cartazes, havia grupos folclóricos. No algem tumulto: manifestantes revoltados com o confinamento a que eram submetidos chegaram a sacudir uma das portas de acesso ao Salão Verde (espécie de anto do plenário da Câmara). "A casa é do povo, a casa é do povo", gritavam.

FREVO

Pouco antes das 16h, interrompeu-se o ato público que fora iniciado no gramado do Congresso, e o locutor pediu que todos se dirigissem cujas portas, após alguma confusão, sido abertas. Por ali passou, em seguida, a delegação de Pernambuco, com 159 pessoas cantando refrões em ritmo de frevo. Logo, provavelmente pela primeira vez na história de Brasília, o povo cantava e dançava no Salão Negro.

Não faltou ali o bumbameu-boi, nem quem o toureasse. As combativas professoras gaúchas marcaram presença, e não deixaram no pampa as sinetas com que, em suas greves, costumam infenizar os ouvidos dos governadores. No gramado, além de faixas e cartazes, havia grupos folclóricos. No algem tumulto: manifestantes revoltados com o confinamento a que eram submetidos chegaram a sacudir uma das portas de acesso ao Salão Verde (espécie de anto do plenário da Câmara). "A casa é do povo, a casa é do povo", gritavam.

EUGENIO NOVAES



Mulher: pró-aborto

As propostas do povo

Reforma Agrária — Foi a campeã de assinaturas das 71 emendas populares entregues até ontem à Assembleia Nacional Constituinte, com um total de 1.164.023 assinantes. Foram apresentadas em duas emendas, que se diferenciavam apenas em quatro dos seus 20 artigos. A primeira, que recebeu o número 52, foi patrocinada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contaq), Associação Brasileira de Reforma Agrária e Comissão Pastoral da Terra (CPT), foi assinada por 550 mil eleitores.

Basicamente, as duas emendas defendem a ideia de que o imóvel rural que não corresponder à obrigação social será arrecadado mediante a aplicação dos institutos da perda sumária e da desapropriação para interesses sociais, para fins da reforma agrária.

As Crianças — voltaram com peso ontem à Constituinte. Depois de serem rejeitadas emenda com 1 milhão e 200 mil assinaturas entregue dia 15 de julho, entre outras coisas por terem menores (portanto, não eleitores) entre os signatários, conseguiram apresentar nova emenda, com 45 mil assinaturas, tendo como entidades subscritoras a Organização Mundial de Educação Pré-Escolar (O-MEP/Brasil), o Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) e a Federação Nacional dos Jornalistas.

Mulheres — fizeram uma festa com flores e canções para entregar ontem à Constituinte a "Emenda Popular Saúde da Mulher", mais conhecida como "emenda do aborto". "O corpo da mulher é dela, então ela que vai decidir se a gravidez ela vai interromper, ou se ela vai parir", cantavam, portanto o pacote com 32.995 assinaturas.

A emenda estabelece que a mulher tem o direito de conceber, evitar a concepção ou interromper a gravidez indesejada, até 90 dias

de seu início, através de assistência integral em hospitais da rede pública: Um parágrafo, único, assegura ainda o respeito às convicções éticas e religiosas individuais.

Apóiam a emenda organizações de mulheres de todo o País, como a Associação das Donas de Casa de São Paulo, o Centro de Defesa dos Direitos da Mulher, de M Minas Gerais; a Federação de Mulheres do Rio de Janeiro; o S.O.S. Corpo, de Pernambuco e o Grupo Mulher, Sexualidade e Saúde, do Rio Grande do Sul.

Monarquistas — apresentaram sua emenda ontem à Constituinte e, o que é mais surpreendente, com 44 mil assinaturas. Nem todos, lógico, querem ver um rei governando o País. Tantos signatários pretendem apenas saber — através de plebiscito a ser realizado em 15 de novembro de 1993, portanto sem qualquer pressão — que tipo de república os brasileiros desejam. As opções deles são três: presidencialista, parlamentarista e monarquia parlamentarista.

Apresentaram a emenda o Instituto de Estudos Monárquicos do Rio Grande do Sul, o Instituto de Pesquisas Monárquicas do Rio de Janeiro e o Circulo Monárquico de São Paulo e Belo Horizonte.

Triângulo — Uma etapa importante na criação do Estado do Triângulo, que reunirá 84 municípios atualmente pertencentes a Minas Gerais, foi cumprida ontem com a entrega de emenda popular subscrita por 202.557 pessoas.

O 1º vice-presidente da Câmara, Homero Santos, e mais os deputados mineiros Chico Humberto (PDT), Virgílio Gallas (PDS) e José Mendonça de Moraes (PMDB), participaram da campanha que contou ainda com o apoio da AVAP (Associação dos Vereadores do Alto Paranaíba), AVETRM (Associação de Vereadores do Triângulo Mineiro) e da CET (Coordenação para Criação do Estado do Triângulo).

LEONARDO MOTA

Quase Wilson

O presidente Sarney manteve ontem à tarde, em Paulo Afonso, antes de embarcar de regresso a Brasília, uma reunião com os governadores do PMDB do Nordeste. Sarney não queria voltar à capital sem um encaminhamento da questão do nome do novo superintendente da Sudene. E propôs a questão a seus interlocutores. O nome do vice-governador de Pernambuco, Carlos Wilson, foi naturalmente colocado.

— Posso pisar firme? — indagou Sarney, aos governadores, principalmente Miguel Arraes, o dono da indicação. Se houvesse uma aprovação na hora, Sarney já chegaria ao Palácio do Planalto hoje, com o decreto de nomeação pronto. Mas Sarney ainda sentiu indefinições, que decorrem da emulação de liderança política entre os governadores do PMDB, de modo especial do jovem Fernando Collor, que ontem completou 38 anos com sonhos maduros de autonomia, não tendo se furtado a transmitir todo seu ardor diante do Chefe do Governo em discurso na praça Delmiro Gouveia.

SARNEY E AS COISAS PAGAS

O presidente Sarney concedeu ontem uma curta entrevista a um jornalista de televisão, em Paulo Afonso. Como foi curta, mas muito representativa, o jornalista Getúlio Bitencourt, chefe da Secretaria de Comunicação da Presidência, tratou de reconstitui-la com o próprio Sarney, passando a esta coluna. Disse o Presidente, a propósito da forma generosa como foi recebido pela população de Delmiro Gouvêa:

— O povo brasileiro sempre me tratou com muito carinho é sempre fui também muito bem tratado pela imprensa, a não ser em coisas pagas".

EXPLOSAO DA ALIANÇA

Quando o presidente Sarney acionou ontem o botão para iniciar o desmonte das primeiras pedras do canal do desvio da futura hidrelétrica de Xingó, um dos 70 parlamentares federais que acompanhavam a comitiva observou:

— O Sarney acaba de explodir a Aliança Democrática — Coincidentemente, um dos governadores presentes, Tasso Jereissati, fazia discretas tentativas de iniciar entendimentos com seus colegas, para vender a ideia de um novo partido de apoio ao Governo, entrando pela esquerda. Jereissati conversou na véspera em Brasília, com a deputada Cristina Tavares.

SETEMBRO NEGRO

O mês de setembro poderá ser definitivo para a consolidação de alguns ministros do presidente Sarney. O Palácio do Planalto receberá uma pesquisa encomendada a dois grandes institutos de opinião pública — um brasileiro e outro estrangeiro — para avaliação do desempenho dos ministros, em termos políticos e administrativos.

CORDEIRO RECOMPENSADO

A luta do deputado Albérico Cordeiro para levar o presidente Sarney a sua região eleitoral em Alagoas foi recompensada não só pela presença do Chefe do Governo mas pelos gestos de carinho que dele recebeu. Por falar em carinho, o ministro Aureliano Chaves foi o único orador que, em seu discurso, destacou o trabalho de dona Marly Sarney como "dinâmico". Na viagem de ida no "Boeing" presidencial o ministro e o Presidente passaram grande parte da viagem conversando a sós.